



UC/FPCE_2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

Ana Paula dos Santos Roxo (e-mail: ana_roxo@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, subárea de especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde sob a orientação de Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo e de Professora Doutora Paula Vagos

Vergonha e agressão por pares adolescentes com perturbações de comportamento: o efeito mediador do coping com a vergonha.

Resumo

A vergonha tem vindo a ser amplamente estudada e apontada como preditora de vários quadros psicopatológicos. Neste sentido, a investigação tem explorado a relação entre a experiência de vergonha e o comportamento agressivo. No entanto, a sua função no âmbito da agressão entre pares (aberta, relacional e reputacional) com perturbações disruptivas, ainda se encontra por clarificar. Estudos recentes têm vindo a atribuir um papel fundamental, não apenas à vergonha, mas também às estratégias usadas para lidar com ela. Este estudo tem como principal objetivo explorar o efeito mediador das estratégias de *coping* com a vergonha na relação entre a vergonha e a agressão por pares, em 133 adolescentes diagnosticados com Perturbações Disruptivas do Comportamento. Diferenças entre géneros foram também testadas. Os principais resultados indicam que as estratégias de *coping* se apresentam como mediadoras na relação entre a vergonha e a agressão. A estratégia de Ataque ao Outro prediz positivamente todas as dimensões da agressão, enquanto a estratégia de Evitamento prediz negativamente a agressão aberta e positivamente a agressão relacional. O diagnóstico de Perturbação Disruptiva do Comportamento parece assumir um papel importante na escolha da estratégia para lidar com a vergonha. Estes resultados sugerem que sujeitos com comportamentos agressivos utilizam preferencialmente estratégias externalizantes, como o Ataque ao Outro e o Evitamento, a fim de lidarem com os seus sentimentos de vergonha.

Palavras-chave: Vergonha, *coping* com a vergonha, agressão por pares, perturbações disruptivas.

Shame and peer aggression in adolescents with behavior problems: the mediator role of coping with shame

Abstract

Shame has been widely studied and therefore identified as a predictor of various psychopathological conditions. In this sense, research has explored the relationship between shame experience and aggressive behavior. However, its function in the context of peer aggression (open, relational and reputational) with disruptive nuisances is still unclear. Recent studies have come to assign a key role, not only to shame, but also the strategies used to cope with it. This study aims to explore the mediating effect of coping strategies with shame, in the relationship between shame and aggression by peers, in 133 adolescents diagnosed with Disruptive Disorders. Gender differences were also tested. The main results suggest that coping strategies present themselves as mediators in the relationship between shame and aggression. Attack Other strategy predicts positively all dimensions of aggression, while Avoidance strategy predicts negatively the Open Aggression and was associated to Relational Aggression in a positive way. The diagnosis of Disruptive Disorder appears to play an important role in the choice of strategy for dealing with shame. These results suggest that subjects with aggressive behavior prefer to use externalizing strategies such as the Attack Other and Avoidance in order to cope with their feelings of shame.

Key Words: Shame, coping with shame, peer aggression, disruptive disorders.

Agradecimentos

Aos meus Pais, por todo o apoio que sempre me deram, não só na realização deste percurso, mas sempre. Por todos os esforços que sempre fizeram para que eu pudesse chegar onde estou hoje, e acima de tudo por nunca me deixarem desistir. Espero um dia poder retribuir tamanha dedicação.

À minha irmã, por ter sido, desde sempre, um exemplo a seguir pela determinação e persistência que permanentemente depositou no alcance dos seus objetivos.

Ao Professor Doutor Daniel Rijo, pela constante partilha de conhecimento e contínua motivação ao longo de todo este percurso, mas acima de tudo pela compreensão demonstrada nas horas de maior dificuldade.

À Professora Doutora Paula Vagos, pela disponibilidade demonstrada em todos os momentos, ajuda e tranquilização nas alturas necessárias.

À Marlene e ao Nélio, pela presença assídua ao longo deste percurso, pelo constante incentivo e principalmente por toda a disponibilidade que sempre demonstraram.

À Mariana, pela ajuda essencial e sobretudo pela capacidade de compaixão que sempre demonstrou.

Às colegas de tese pelos momentos de entreaajuda e constante tranquilização nesta etapa que percorremos juntas.

A todos os adolescentes que fizeram parte desta amostra, sem os quais este trabalho não seria possível, e por todos os pedaços da sua história que partilharam comigo ao longo da recolha de dados.

A toda a minha família pelo constante incentivo e pela preocupação demonstrada, especialmente ao meu primo, João, por todo o apoio ao longo desta fase e sobretudo pelos momentos de descontração e riso proporcionados nas alturas mais complicadas.

À minha família “emprestada”, a Família Estrela, por serem a prova viva de que a noção de família é muito mais que laços de sangue. Pelo constante sentimento de pertença. Por tudo o que, incansavelmente, sempre fizeram por mim, todo o apoio, carinho e motivação.

Às que tornaram Coimbra um lugar melhor, Joana, Andreia, Iolanda, Cheila e Patrícia, pela partilha de grande parte deste percurso académico, pelo constante apoio e desabafo nas horas de maior dificuldade.

À Sílvia, por me acompanhar neste percurso desde o início, pela enorme capacidade de altruísmo e aceitação que sempre teve comigo.

À Andreia, por me ensinar que a verdadeira amizade se mantém intacta apesar da distância, por fazer do longe perto e por nunca me ter faltado tanto nos bons, como nos maus momentos.

À Vanessa, por estar sempre “lá”, por nunca lhe faltar uma palavra de incentivo e motivação. Por todas as vezes que as críticas serviram para o crescimento, e por aceitar e compreender os meus defeitos.

À Nathalie e às minha Gémeas, Joana e Diana, pela partilha de todos os dias, por me terem recebido tantas e tantas vezes no quarto delas, em horas de alegria e desespero. Por nunca lhes faltarem os conselhos e pelo espírito que entreajudam que sempre partilhámos.

A todos os meus amigos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o concretizar deste percurso, em especial: Bela, Bruno, Dina, Tiago, João, Bruno Filipe, Vanessa, Rui Pedro, Lili, Mariana, Carlos, Zé João, pela fonte de motivação e incentivo que sempre foram, pela paciência e por perceberem o meu mau feitio nas alturas de maior desespero nesta última etapa.

A Coimbra. *“Hoje Coimbra, amanhã saudade”*.

Índice

	página
Introdução	1
Enquadramento Conceptual	3
Metodologia	13
<i>Participantes</i>	13
<i>Instrumentos</i>	13
<i>Procedimentos</i>	16
Resultados	18
<i>Estatísticas Descritivas</i>	18
<i>Estudo das qualidades psicométricas das escalas</i>	19
<i>Análise de Correlações</i>	19
<i>Análise de Trajetórias</i>	20
<i>Estudo com a amostra completa</i>	20
<i>Estudo com o grupo do género feminino</i>	22
<i>Estudo com o grupo do género masculino</i>	24
Discussão	26
Limitações e Estudos Futuros	30
Bibliografia	32

Introdução

“ (...) the experience of feeling disrespected, shamed and humiliated is the most frequent trigger of violent crimes”
Gilligan, 1996

O trabalho de investigação apresentado enquadra-se na dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia com especialização na área de Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde. A especialização nesta área, envolve o contributo para a análise dos processos envolvidos na psicopatologia, com vista à sua prevenção e terapêutica. Desta forma, o tema escolhido inspira-se nos Modelos Evolucionários e Teoria *Shame-Rage* para explicar aspetos do Comportamento Antissocial. Mais concretamente, procurou-se explorar a relação entre vergonha, coping com a vergonha e experiências de agressão entre pares adolescentes, diagnosticados com perturbações disruptivas do comportamento.

A preferência por este tema, alvo de atenção do CINEICC (Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental), prendeu-se com a necessidade de colmatar a inexistência de estudos nacionais e internacionais que contemplem as variáveis referidas. As investigações em torno da vergonha têm vindo a crescer sendo esta uma variável já associada a diversos problemas de saúde mental e ao comportamento agressivo, principalmente sob ponto de vista evolucionário, numa vertente adaptativa e de sobrevivência. Desde aí, vários têm sido os estudos que tentam explicar a associação entres estes dois conceitos. No entanto, ou o fazem utilizando uma conceção de agressão na sua forma mais física e direta, ou optando pelo estudo da emoção de raiva muitas vezes associada e na população adulta. Desta forma, o presente estudo assume-se como uma novidade, uma vez que se pretende estudar tipos específicos de agressão, nomeadamente agressão aberta, relacional e reputacional, em adolescentes.

Ademais, apesar da pertinência deste estudo junto de amostras clínicas, nomeadamente com Perturbações Disruptivas do Comportamento, a maioria dos estudos são realizados com amostras da comunidade. A par

disto, a delinquência juvenil, neste caso a agressão entre pares, tem vindo a aumentar de dia para dia e a assumir-se como uma problemática evidente nas sociedades atuais. Deste modo, torna-se pertinente continuar a investir em estudos acerca desta temática, descodificando as suas causas, e principalmente, as características dos agressores. Os resultados obtidos neste estudo poderão ser importantes para uma melhor conceptualização da agressão entre pares, bem como das estratégias desadaptativas usadas por adolescentes. Assim, estes dados poderão contribuir para o desenvolvimento de programas, quer de intervenção remediativa quer de prevenção, direcionando-os especificamente para as características deste tipo de população. Mais ainda, clarificar a relação entre a vergonha e agressão pode ser útil para intervir ao nível da regulação emocional na comunidade.

Este estudo tem como objetivo genérico, numa primeira fase, perceber a relação entre vergonha e agressão entre pares. Pretende-se ainda explorar se existe, efetivamente, uma influência dos níveis de vergonha sobre a agressão entre pares e se, posteriormente, os estilos de *coping* adotados para lidar com esta experiência condicionam essa influência. Numa segunda fase pretende-se averiguar as relações anteriormente descritas, numa comparação entre géneros.

Esta dissertação está dividida em duas partes: uma conceptual e outra empírica. A parte conceptual compreende os temas a abordar e operacionalizar. A parte empírica envolve a metodologia, discussão e conclusão.

I – Enquadramento Conceptual

“It is this ubiquity, this everywhere-ness of embarrassment that has made it difficult for us to understand that so common a feeling that permeates our existence also affects our lives”

Nathanson, 1987 (p. 251)

1.1. A Vergonha e o Comportamento Agressivo

A tentativa de melhor perceber se o comportamento agressivo perpetuado pelos pares está relacionado com a experiência de vergonha inspira-se no modelo biopsicossocial proposto por Gilbert (2002). Este modelo baseia-se numa leitura da perspectiva evolucionária, da teoria das mentalidades sociais (Gilbert, 1989, 1995, 2000a, 2005), da teoria da vinculação (e.g., Bowlby, 1969, 1973) e da abordagem psicossocial (e.g., Gilbert, 1995). À luz dos modelos evolucionários, o ser humano é um animal social, que exhibe reações emocionais e estratégias comportamentais articuladas com a sua necessidade de adaptação e integração. Os modelos de vinculação mostram que o ser humano nasce com uma necessidade inata de ligação ao outro, ou seja, de estabelecer vínculos com figuras capazes de transmitir afeto, cuidado e tranquilização (Bowlby, 1969, 1973) e com uma necessidade, também ela inata, de estimular afeto positivo na mente dos outros (e.g., desejabilidade social), comportamento esse que lhe vai permitir estabelecer vínculos seja dentro ou fora do contexto familiar. É através destas experiências de vinculação e da tentativa de pertença ao grupo que procura experienciar sentimentos de aceitação que lhe facilitem o estabelecimento de relações sociais. Tudo isto é feito no sentido de aumentar a sensação de desejabilidade e valorização por parte do outro que por sua vez aumentam as suas chances de integração.

O contexto sociocultural no qual o indivíduo se desenvolve assume extrema importância, uma vez que é este que vai definir a qualidade das relações interpessoais. Assim o meio no qual o indivíduo se desenvolve pode assumir características favoráveis, ou por outro lado hostis, o que vai influenciar a visão que desenvolve relacionalmente sobre si como sendo atraente, aceite e com sentimentos de pertença ao grupo, ou pelo contrário, pouco atraente e vulnerável em situações sociais (Gilbert & Irons, 2009).

Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

Ana Paula dos Santos Roxo (e-mail: ana_roxo@hotmail.com) 2015

Quando a expectativa de criar afeto positivo na mente dos outros não se realiza, e contrariamente ao esperado o indivíduo percebe afeto negativo por parte dos outros (i.e., sentimentos de não aceitação, crítica, exclusão e evitamento), é ativado o sentimento de vergonha externa (Gilbert, 2002). Consequentemente, esta visão do *self* por parte dos outros, como sendo negativa, vai ser interpretada pelo sujeito como uma ameaça que vai desencadear diferentes estratégias de defesa. Desta forma, perante a experiência de vergonha podem ser ativadas respostas relacionadas com atribuições internas, quando o sujeito se auto critica e passa a adotar um comportamento submisso, ou, ao invés desta resposta, podem ser adotados comportamentos baseados em estratégias externalizantes (e.g., ataque), uma vez que o sujeito vê o outro como detentor de intenções malévolas, o que vai ativar sentimentos de raiva e desejo de retaliação (Gilbert, 1998). Assim, o conceito de vergonha parece ser um fator explicativo da agressão tal a sua proximidade com o conceito de raiva (Mills, 2005).

Dito de outro modo, como o contexto em que se encontra é de natureza social, os comportamentos (e.g. lutar por recursos escassos) ou estratégias adaptativas que exibe podem ser vistos como primitivos mas devem ser analisados recorrendo a um enquadramento relacional com a Mentalidade de *Ranking* Social (Gilbert, 1997). Segundo a teoria referida, o estatuto social assume um papel central para a conquista de recursos básicos, pelo que quando o sujeito percebe ameaças ao mesmo e à detenção de recursos no grupo em que se encontra, os seus sistemas de defesa são rapidamente ativados, e este pode recorrer a respostas relacionais de inibição ou ataque com um processo primitivo subjacente de luta, fuga ou submissão (Gilbert, 2002). Neste âmbito emoções como a vergonha e a raiva desempenham a função de informar o sujeito sobre a sua posição no grupo e/ou eventuais ameaças, perdas ou riscos para o seu estatuto social. Segundo um estudo de Leary, Twenge e Quinlivan (2006) sobre rejeição interpessoal e agressão, a rejeição social na interação social, e consequente perda de estatuto social, tem vindo a ser apontado como fator comum que pode originar vários tipos de comportamento agressivo.

A vergonha e raiva têm vindo a ser descritas extremos opostos de um mesmo espectro, onde a vergonha parece ter uma função de defesa via submissão e a raiva via contra-ataque e sobrevivência (Andrews, Brewin,

Rose, & Kirk, 2000). Assim, relativamente ao processamento do estatuto social, o individuo pode aceitar a perda de estatuto que é informada pela vergonha, tornando-se submisso e evitando conflitos, ou alternativamente, pode lutar adotando estratégias que visem o aumento de atratividade: comportamentos prossociais, demonstrações de talento e competência, ou então comportamentos que demonstrem a detenção de poder e que passam pela raiva e agressão (Gilbert, 1997, 2002).

As teorias explicativas da associação entre a raiva e a vergonha derivam principalmente do trabalho de investigação de Lewis (1971), que posteriormente tem vindo a ser explorado por outros autores (Scheff, 1987; Tangney & Dearing, 2002). Lewis (1971) apresentou a Teoria *Shame-Rage*, na qual afirma que sentimentos de vergonha podem desencadear formas hostis de raiva as quais denominou de “*humiliated fury*”, conceito que consequentemente vem dar nome ao seu modelo. O conceito central de raiva de que aqui se fala trata-se de uma resposta perante o contínuo ferimento do *self* através de experiências prolongadas de vergonha, perpetuadas pelos outros (Lewis 1992, 1993). De acordo com este modelo (Lewis, 1971), a agressão trata-se essencialmente de um comportamento defensivo que vem dar resposta ao sentimento de defeito ativado aquando da experiência de vergonha. Quando o individuo se sente humilhado, dirige a raiva, e consequente comportamento externalizante, à pessoa indutora do sentimento de vergonha, no sentido de aliviar o seu desconforto. Deste modo, a agressão, quando induzida pela vergonha, pode assumir um papel protetor do *self*, uma vez que o outro é percecionado como uma ameaça. Assim, é adotada uma estratégia de defesa em que o ataque permite dirigir a culpa e a raiva sentidas para o outro e proteger o próprio. Desta forma, o individuo tenta proteger a sua autoestima de possíveis danos e esta agressão vai desviar a atenção do *eu* percecionado como desvalorizado, evitando o desconforto gerado pelo sentimento de vergonha (Gilbert, 1998; Tangney & Dearing, 2002; Tangney et al., 1992).

De um modo geral, quer esta teoria de Lewis (1971), quer a teoria de mentalidade de *ranking* social proposta por Gilbert (1997) apontam para a agressão como sendo um comportamento induzido pela experiência de vergonha. Desta forma, ambos os modelos remetem para a agressão como uma resposta defensiva à perceção de ameaça, quer ao *self*, quer ao estatuto

social (Hejdenberg & Andrews, 2011).

1.2.Vergonha

A vergonha tem vindo a desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento psicossocial de cada individuo e particularmente no modo como se relaciona com a sua identidade (Gilbert, 1998; Mills, 2005; Nathanson, 1996; Tangney & Dearing, 2002). Considerada como uma experiência auto focada e auto avaliativa do *self* quando se percebe como defeituoso ou inadequado (Tangney & Dearing, 2002), a experiência de vergonha aparece associada à forma como eu penso que existo na mente dos outros (Gilbert & McGuire, 1998) e permite que o sujeito se iniba de se comportar de formas que possam ameaçar o seu estatuto em público.

Embora a vergonha seja uma emoção secundária com funções adaptativas, a propensão para sentir vergonha com frequência parece ter origem em experiências precoces traumáticas, como experiências de humilhação, rejeição, negligência emocional ou estilos parentais abusivos, críticos e austeros (Andrews, 2002; Claesson & Sohlberg, 2002; Lewis, 1992; Nathanson, 1992). Este tipo episódios tende a assumir alguma centralidade na identidade de cada indivíduo pesando na atribuição de significados a outras experiências semelhantes (Berntsen & Rubin, 2006). Por isso, as experiências de vergonha severas podem incluir características de memórias traumáticas (Matos & Pinto-Gouveia, 2009; 2011).

Associada a processos internos do eu que se avalia como indesejável, não atrativo, defensivo, inútil e impotente (Gilbert, 1998, 2002, 2010; Nathanson, 1996), a vergonha pode assumir uma natureza social externa ou interna (Gilbert 1998, 2002, 2010). A primeira está relacionada com avaliações externas, ou seja, quando nos achamos julgados pelos outros, como inferiores ou inadequados. A segunda, vergonha interna surge quando as avaliações feitas estão auto focadas, ou seja, quando nos julgamos a nós próprios como indesejáveis, sem qualidades ou maus processando a avaliação a nível interno (Gilbert, 1998, 2002, 2010).

Segundo Gilbert (1998), a vergonha pode ser conceptualizada enquanto uma resposta a uma ameaça, ou a uma experiência de rejeição social, porque se tem vindo a tornar pouco atrativo como agente social.

Ainda para Gilbert (2010), existe uma ligação entre a vergonha externa e interna uma vez que “a forma como as pessoas pensam que os outros pensam sobre elas muitas vezes é como elas pensam/sentem sobre si mesmas” (p. 86). Assim, de uma forma geral, a vergonha permite guiar o nosso comportamento em sociedade, uma vez que afeta a forma como nos vemos a nós próprios, a nossa aceitação e desejabilidade social, moldando a nossa maneira de agir em diferentes contextos sociais (Gilbert 1998; Tangney & Dearing, 2002).

Na literatura são, cada vez mais, os estudos que têm vindo a associar a vergonha com diferentes quadros psicopatológicos como é o caso, por exemplo, da ansiedade (e.g., Irons & Gilbert, 2005; Tangney, Wagner, & Gramzow, 1992); ansiedade social (e.g., Gilbert, 2000b; Matos, Pinto-Gouveia, & Gilbert, 2012); depressão (e.g., Allan, Gilbert, & Goss, 1994; Cheung, Gilbert, & Irons, 2004; Pinto-Gouveia, Matos, Castilho & Xavier, 2012); perturbações alimentares (e.g., Matos, Ferreira, Duarte, & Pinto-Gouveia, 2014; Skarderud, 2007; Troop, Allan, Serpell, & Treasure, 2008) e perturbações da personalidade (e.g., Rüsç et al., 2007). Para além destes estudos, existem ainda outros que relacionam a vergonha com o comportamento agressivo (e.g., Andrews, Berwin, Rose, & Kirck, 2000; Bryceland & Strayer, 1999; Farmer & Andrews, 2009; Harper & Arias, 2004; Harper, Austin, Cercone, & Arias, 2005; Tangney, Wagner, Fletcher, & Gramzow, 1992; Tangney, Wagner, Hill-Barlow, Marschall, & Gramzow, 1996) sugerindo que crianças e adultos propensos a experienciar sentimentos de vergonha tendem a exibir maiores níveis de raiva e agressão.

1.3. Coping com a Vergonha

Um dos aspetos importantes associados à experiência de vergonha é a forma como lidamos com ela, ou, como nos defendemos contra ela (Elison, Lennon, & Pulos, 2006a). Deste modo, pode não ser a experiência de vergonha em si, mas a forma como se lida com ela, que vai conduzir à adoção de comportamentos problemáticos (Elison, Pulos, & Lennon, 2006b), e neste caso específico, à agressão entre pares. No sentido de melhor explorar esta questão e entender as respostas ou comportamentos utilizados pelos sujeitos perante situações de vergonha Nathanson (1992) propôs um

modelo de gestão da vergonha. Este modelo, denominado *Compass of Shame* (i.e., Bússola da Vergonha) baseou-se em observações clínicas para formular quatro estilos de *coping* com a vergonha considerados desadaptativos: A Fuga, o Ataque ao *Self*, o Evitamento e o Ataque ao Outro. Segundo Nathanson (1992), cada um destes diferentes estilos de *coping* assume características próprias e encontra-se relacionado com diferentes variáveis já associadas à vergonha (e.g., hostilidade), podendo assumir um papel mediador entre a vergonha e estas mesmas variáveis. Mais ainda, cada um deles está também associado a diferentes sentimentos, comportamentos e motivações evidenciados pelos sujeitos, face à experiência de vergonha (Elison et al., 2006b; Nathanson, 1992). Na estratégia de *Fuga*, o sujeito interioriza a experiência como negativa, aceita a mensagem de vergonha como sendo válida, e acaba por tentar retirar-se ou até mesmo esconder-se da situação, por forma a limitar a exposição à situação de vergonha e terminar com o desconforto por ela causado. No *Ataque ao Self*, a experiência é interiorizada como negativa, sendo a mensagem de vergonha aceite e validada, o que faz com que o sujeito dirija para si mesmo a raiva que resulta do impacto da vergonha, havendo tendência para se auto criticar, culpabilizar e principalmente desvalorizar, a fim de que a relação com o outro se mantenha. Na estratégia de *coping* Evitamento, a tendência é de não reconhecer a experiência negativa como sendo sua, não aceitando a mensagem de vergonha como válida e negando os sentimentos por ela percebidos, ao mesmo tempo que há uma tentativa de distrair o próprio, e os outros, destes sentimentos negativos, com o objetivo de minimizar a sua consciência da vergonha ou mostrando-se acima desta. Por fim, na estratégia de *Ataque ao Outro*, o sujeito pode, ou não, reconhecer a experiência negativa como sendo sua, mas não aceita a mensagem de vergonha como válida, sendo que os sentimentos de raiva que advém desta mesma experiência são dirigidos para o exterior, ou seja, para a fonte causadora da experiência vergonha, havendo tendência para fazer o outro sentir-se inferior, por forma a tranquilizar-se. Consequentemente, há a tendência atacar alguém, ou algo, física ou verbalmente, com este mesmo objetivo de fazer alguém sentir-se numa posição inferior à sua. As duas primeiras estratégias (*Fuga* e *Ataque ao Self*) são consideradas como internalizantes, uma vez que a mensagem de vergonha é reconhecida como

negativa, aceite e dirigida ao próprio. Já as restantes duas podem denominar-se de externalizantes dado que nem a experiência, nem a mensagem de vergonha são aceites como válidas, o que resulta na minimização dos efeitos negativos da experiência, disfarçando-os ou redireccionando-os para os outros. Tanto a estratégia de Ataque ao *Self*, como a de Ataque ao Outro se encontram associadas à experiência de sentimentos de raiva (Elison et al., 2006a; Elison et al., 2006b).

Até há data da realização deste estudo, e de acordo com o nosso conhecimento, não existem outros que relacionem estes estilos de *coping* anteriormente descritos, com os tipos de agressão a ser estudados (i.e., aberta, relacional e reputacional). No entanto, no que se refere às estratégias de *coping* acima descritas, num estudo sobre a moralidade das emoções, Tangney, Stuewing e Mashek (2007), enfatizaram a ideia de que indivíduos com propensão para experienciar sentimentos de vergonha tendem a externalizar os seus sentimentos de culpa, através do Ataque ao Outro, não só por formas diretas de agressão (i.e., físicas ou verbais), mas também usando formas indiretas de agressão. Um outro estudo também focado neste modelo, e em específico com adolescentes com características agressivas, apontou para a exibição de maiores níveis de vergonha e consequentemente preferência pelo estilo Ataque ao Outro, por forma a lidar com a experiência dolorosa (Caldas, 2013).

1.4. Agressão entre pares: Aberta, Relacional e Reputacional

O comportamento agressivo, registado particularmente nas escolas, tem sido considerado como um dos preditores no desenvolvimento agressão e delinquência nas etapas desenvolvimentais seguintes. Deste modo, a identificação de possíveis causas e estratégias de prevenção deste tipo de comportamentos reveste-se de benefícios individuais e comunitários (Farrington, 1998).

No geral, os comportamentos agressivos envolvem a intenção de causar danos no outro (Anderson & Bushman, 2002; Archer & Coyne, 2005). Já no que se refere à definição do constructo de agressão entre pares, não se verifica consensualidade uma vez que, diferentes autores usam diferentes concepções. Assim, existem investigadores que distinguem entre

agressão direta/física (e.g., Paquette & Underwood, 1999) e aberta (e.g., Prinstein, Boergers, & Venberg, 2001), sendo que outros contrastam entre agressão indireta (e.g., Lagerspetz, Björkqvist, & Peltonen, 1988), social (e.g., Cairns, Cairns, Neckerman, Ferguson, & Gariépy, 1989), relacional (e.g., Crick & Grotpeter, 1995) e reputacional (Prinstein & Cillessen, 2003). Para este estudo optou-se pelas classificações de agressão aberta, relacional e reputacional.

Durante algumas décadas, a pesquisa, no campo da agressão entre pares adolescentes, apenas contemplava temas que se relacionassem com formas de agressão aberta ou física. Este tipo de agressão (i.e., aberta) envolve ameaça ou danos físicos traduzindo-se por atos como bater, pontapear, provocar, insultar e ameaçar o outro, de que será agredido caso não faça o que lhe for pedido (Prinstein et al., 2001). No entanto, trabalhos mais recentes têm vindo a identificar outras formas de agressão entre pares, nomeadamente formas indiretas de agressão. Estes tipos de agressão são considerados mais cobertos, ou seja, de natureza menos confrontacional com as vítimas (De Los Reyes, & Prinstein, 2004). Deste modo, podemos considerar a agressão reacional como uma forma de agressão indireta que tira partido de um relacionamento (i.e., uma amizade), como uma forma de magoar/prejudicar o outro havendo, portanto, a manipulação das relações da vítima com os pares. Como exemplo deste tipo de agressão destaca-se a ameaça de término de uma amizade, ou até mesmo o fim da mesma, a falta de apoio quando necessário e comportamentos que envolvam ignorar o outro, excluindo-o propositadamente de atividades sociais (Crick, 1995, 1997; Crick & Grotpeter, 1995; Xie, Swift, Cairns, & Cairns, 2002). Uma outra forma indireta de agressão é a reputacional que, segundo Prinstein e Cillessen (2003), envolve a tentativa de causar dano na reputação social da vítima, junto do grupo de pares (e.g., criação de rumores ou boatos a fim de denegrir a imagem da vítima perante os outros). As formas de agressão indireta que temos vindo a referir são especialmente proeminentes durante a adolescência, quando as consequências punitivas associadas aos seus atos (i.e., aumento da força física e acesso a armas) se tornam mais severas e com risco de sanções legais (Cairns et al., 1989; Prinstein et al., 2001).

Quando considerada como uma forma reativa (Card & Little, 2006), ou seja, como uma resposta (impulsiva) de raiva a uma perceção de

provocação ou ameaça (Crapanzano, Frick, & Terranova, 2009), a agressão assume algumas particularidades ao nível emocional e cognitivo (e.g., baixa tolerância à frustração; pobre regulação emocional; impulsividade; tendência para interpretar situações ambíguas como provocações; para uma revisão ver Crapanzano et al., 2009).

Como já foi referido, a agressão entre pares adolescentes, particularmente nas suas formas mais encobertas, tem sido menos estudada apesar de pertinente nesta fase desenvolvimental. Tal deve-se, principalmente, ao facto de o tempo gasto com o grupo de pares, bem como, a importância atribuída ao suporte dado pelo grupo, aumentar durante este período (Parker, Rubins, Price, & De Rosier, 1995). É também durante esta fase desenvolvimental que se dão alguns avanços ao nível cognitivo, pelo que a capacidade de planear formas mais refinadas de magoar o outro vai emergindo, dando preferência a algumas formas indiretas de agressão (i.e., relacional e reputacional; Creusere, 1999).

Vários são os estudos que têm vindo a associar a agressão nas suas diversas formas a outras variáveis, na tentativa de perceber a sua origem e estudar possíveis causas: ajustamento psicossocial (e.g., Card, Stucky, Sawalani, & Little, 2008; Crick, 1996; Ostrov, 2008; Storch, Bagner, Geffken, & Baumeister, 2004; Prinstein et al., 2001); problemas externalizantes (e.g., Baker., Jacobson, Raine, Lozano, & Bezdjian, 2007; Loeber, Pardini, Hipwell, Stouthamer-Loeber, Keenan, & Sembower, 2009; Zalecki, & Hinshaw, 2004); problemas internalizantes (e.g., Card et al., 2008; De Los Reyes, & Prinstein, 2004).

De entre os estudos indicados, destaca-se o trabalho sobre o ajustamento psicossocial de agressores e vítimas de agressão relacional e aberta, de Prinstein et al. (2001). Estes autores obtiveram resultados interessantes, para ambos os sexos, que suportam uma relação entre a agressão aberta e a ocorrência de dificuldades ao nível do comportamento externalizante (i.e., apresentam sintomas de perturbação de oposição e de perturbação de conduta). Já no que se refere à agressão relacional, esta associação apenas se verifica para o sexo feminino. Por outro lado, adolescentes que se pautem pelo uso destas duas formas de agressão tendem a evidenciar níveis mais elevados de comportamentos externalizantes, em contraste com os outros adolescentes (Prinstein et al., 2001).

Quanto a diferenças de género na população adolescente, a investigação aponta para níveis mais elevados de agressão aberta nos rapazes, em comparação com as raparigas. No entanto, no que se refere à agressão relacional, são esperados níveis comparáveis dos dois tipos de agressão anteriormente mencionados, tanto para rapazes como para raparigas (Crick & Grotpeter, 1996; De Los Reyes, & Prinstein, 2004; Prinstein et al., 2001).

Este estudo tem como principal objetivo explorar possível o papel mediador dos diferentes estilos de *coping* com a vergonha na relação entre os níveis vergonha experienciados e os tipos de agressão expressa entre pares. Primeiro para a amostra geral, e posteriormente na amostra dividida por géneros, a fim de explorar possíveis diferenças nos resultados.

II - Metodologia

2.1. Participantes

Este estudo é constituído por uma amostra clínica, de 133 sujeitos, de nacionalidade portuguesa. Os participantes foram recrutados em diferentes estabelecimentos, tendo sido 17.3% (n=23) da amostra contactada em lares de acolhimento, 70.7% (n= 94) em escolas de ensino profissional e 12% (n=16) em escolas de ensino regular. A média de idades dos participantes é de 16.07 anos (D.P.= 1.220; as idades variam entre os 13 e os 19 anos), dos quais 61.7 % são rapazes (n=82) e 38.2 % (n=51) são raparigas. No que se refere ao estatuto socioeconómico, 78.2 % (n=104) da amostra situa-se no nível baixo, 21,1 % (n=28) no nível médio e os restantes 0.8% (n=1) no nível alto. Relativamente à escolaridade, a média da amostra é de 7.30 (D.P.= 1.331; variando entre 2 e 11 anos), com uma média de 2.22 reprovações (D.P.= 1.170; a variar entre 0 e 5 anos). Quanto ao diagnóstico de Perturbações Disruptivas do Comportamento, 12.8% (n=17) dos sujeitos pontuam para Perturbação de Oposição e 87.2% (n=116) para Perturbação do Comportamento.

2.2. Instrumentos

Entrevista Clínica Estruturada

A Mini International Neuropsychiatric Interview for Children and Adolescents (Entrevista Neuropsiquiátrica para Crianças e Adolescentes - M.I.N.I. KID; Sheehan, Shytle, & Milo, Janavs, 2010; Versão Portuguesa de Ribeiro da Silva, Motta, Brazão, & Rijo, 2012), é uma entrevista neuropsiquiátrica para diagnóstico de perturbações mentais do Eixo I do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV) em crianças e adolescentes.

Os participantes com idade superior a 18 anos foram também avaliados para Perturbação Antissocial da Personalidade (PPAS) e Perturbação de Personalidade Borderline (PPB), através das respetivas

secções da SCID-II – *Structured Clinical Interview* (DSM-IV) do Eixo II, para Perturbações da Personalidade (First, Gibbon, Spitzer, Williams, & Benjamin, 1997; Versão Portuguesa de Pinto-Gouveia, Matos, Rijo, Castilho, & Salvador, 1999).

Vergonha

Other As Shamer (OAS; Goss, Gilbert, & Allan, 1994; Versão Portuguesa de Barreto, C. & Pereira, V., 2012).

A OAS é uma escala de autorresposta que tem como objetivo medir a vergonha externa, ou seja, julgamentos feitos pelo próprio sujeito acerca de como é visto pelos outros. A presente escala é constituída por 18 itens, cada um cotado segundo uma escala do tipo *Likert* (0=Nunca; 4= Quase Sempre).

Quanto às características psicométricas, o estudo original deste instrumento de Goss, Gilbert, e Allan, (1994) apresentou uma boa consistência interna, com um valor de alpha de *Cronbach* de .92. O mesmo acontece para a versão Portuguesa da escala ($\alpha = .92$), e para o presente estudo ($\alpha = .93$).

Coping com a Vergonha

Compass of Shame Scale (CoSS; Elison, Lennon, & Pulos, 2006; Versão Portuguesa de Fonseca, da Motta, Ribeiro da Silva, Brazão, & Rijo, 2013, *manuscrito não publicado*).

Este instrumento de autorresposta é constituído por 48 itens e tem como objetivo avaliar o uso de quatro formas desadaptativas para lidar com vergonha, segundo o modelo sugerido por Nathanson (1992): o Ataque ao *Self*, o Ataque ao Outro, a Fuga e o Evitamento. Esta escala apresenta ainda uma subescala que comporta itens relacionados com estratégias adaptativas de lidar com a vergonha, no entanto, neste estudo não vai ser utilizada. Aquando da resposta são apresentados ao sujeito 12 cenários indutores de vergonha, para os quais existem quatro possíveis respostas, cada uma associada a um dos quatro tipos de *coping* referidos anteriormente. Cada um dos itens é cotado segundo uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos (0=Nunca; 4= Sempre). Quanto às capacidades psicométricas desta escala para o estudo original, foi apresentado um alpha de *Cronbach* de .72 para a subescala

Evitamento, .87 para subescala Fuga, .88 para a subescala Ataque ao *Self* e .84 para a subescala Ataque ao Outro, o que remete para uma boa consistência interna. A versão Portuguesa apresentou os seguintes valores de consistência interna: $\alpha = .92$ para o Ataque ao *Self*, $\alpha = .86$ para o Ataque ao Outro, $\alpha = .74$ para o Evitamento e $\alpha = .89$ para a Fuga. No que se refere ao presente estudo, a consistência interna deste instrumento mostrou-se igualmente boa sendo que os valores de alpha de *Cronbach* apresentados foram de .89 para o Evitamento, .92 para a Fuga de para o Ataque ao *Self* de e $\alpha = .90$ para o Ataque ao Outro.

Agressão entre Pares

Revised Peer Experiences Questionnaire (R-PEQ); Prinstein, 2001: Versão Portuguesa de Neto e Vagos, 2014, *manuscrito não publicado*).

A presente escala é de autorresposta e tem como objetivo o estudo da agressão e vitimização entre adolescentes, bem como aceder a comportamentos prossociais entre pares. São apresentadas 18 situações, cada uma com duas versões (i.e., uma para agressores e outra para vítimas), e o participante terá de assinalar quantas vezes ($1 = \text{Nunca}$; $5 = \text{Algumas vezes por semana}$), tem comportamentos agressivos para com outros adolescentes (e.g., “*bati, pontapeei ou empurrei um miúdo de forma má*”) ou quantas vezes é alvo destes comportamentos (e.g., “*Um miúdo bateu-me, pontapeou-me ou empurrou-me de forma má*”). Através da análise fatorial confirmatória, De Los Reyes e Prinstein (2004) apresentam uma divisão deste instrumento nas seguintes subescalas: Agressão Aberta, Agressão Relacional, Agressão Reputacional, Vitimização Aberta, Vitimização Relacional, Vitimização Reputacional, Comportamento Prossocial para com os outros e Receber Comportamentos Prossociais. O presente trabalho utilizará apenas as medidas referentes à Agressão Aberta, Relacional e Reputacional, que para a versão original apresentaram os seguintes valores para a consistência interna: $\alpha = .83$, $\alpha = .68$, $\alpha = .76$, respetivamente. Para a versão Portuguesa foram encontrados os seguintes valores para o alpha de *Cronbach*: .87 para a Agressão Aberta, .65 para a Agressão Relacional e .84 para a Agressão Reputacional. Este estudo exibiu valores de $\alpha = .80$ para a subescala Agressão Aberta, $\alpha = .76$ para a Agressão Relacional e $\alpha = .84$ para a Agressão Reputacional apresentando, assim, uma boa consistência interna.

2.3. Procedimentos

2.3.1. Procedimentos Metodológicos

Num primeiro momento procedeu-se ao pedido de autorização para aplicação das entrevistas junto dos responsáveis pelas instituições em questão, clarificando os objetivos, finalidades e implicações do presente estudo bem como os procedimentos e normas éticas que guiam a Investigação em Psicologia. Foram considerados como fatores de exclusão da amostra os seguintes critérios: (a) os sujeitos com idade inferior a 12 anos ou superior a 19; (b) os sujeitos que não preenchessem diagnóstico para Perturbação de Comportamento ou Perturbação de Oposição, (ou PPAS/PPB, para maiores de 18 anos); (c) os sujeitos que apresentassem comorbidade com outras perturbações do Eixo I; (d) os sujeitos que se encontrassem a cumprir Medidas Tutelares de Internamento; (e) os questionários de autorresposta indevidamente preenchidos ou incompletos.

Antes de qualquer avaliação os objetivos do estudo foram explicados aos participantes, as autorizações necessárias foram recolhidas, e quando necessário os pais ou tutores legais foram contactados no sentido de consentir a participação dos menores. Deste modo foi assegurada a confidencialidade dos dados, bem como todos os procedimentos éticos, realçando sempre o carácter voluntário da participação no estudo. Em primeiro lugar procedeu-se a uma avaliação individual de todos os sujeitos, com base na Entrevista Neuropsiquiátrica para Diagnóstico de Perturbações Mentais em Crianças e Adolescentes (M.I.N.I. KID), no sentido de perceber quais os participantes que pontuavam para Perturbação do Comportamento ou Perturbação de Oposição. Esta avaliação permitiu também a exclusão de outras eventuais perturbações comórbidas. Posto isto, apenas aos sujeitos que cumprissem os critérios de inclusão no estudo foi entregue, para preenchimento, o protocolo selecionado.

2.3.1. Procedimentos Estatísticos

Para o tratamento estatístico dos dados do presente estudo recorreu-se ao uso dos *softwares* MPlus versão 6.12 (Muthén & Muthén, 2001) e SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0. Inicialmente

procedeu-se ao cálculo das estatísticas descritivas, tais como médias e desvios-padrão. Realizou-se também o cálculo dos coeficientes de correlação de *Pearson*, no sentido de explorar a relação entre as variáveis independentes e as variáveis dependentes, envolvidas no presente estudo. Para além disso, foram também calculados alfas de *Cronbach* com o intuito de analisar a consistência interna das escalas. Ainda no sentido de avaliar as qualidades psicométricas das escalas recorreu-se à Análise de Modelos de Equações Estruturais, para a realização de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC). Este tipo de análise tem como finalidade testar a qualidade de ajustamento do modelo de medida teórico, à estrutura correlacional observada entre os itens (Marôco, 2010). Para analisar a qualidade de ajustamento do modelo aos dados, recorreu-se a um conjunto de índices, mais especificamente: *Chi-square (χ^2) test*, *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) and *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) e *Weighted Root Mean Square Residual* (WRMR), de acordo com valores de referência propostos por Hair, Black, Babin and Anderson, (2009)¹.

Foi realizado um estudo mediacional através da Análise de Trajetórias (*Path Analysis*) a fim de testar se os estilos de *coping* com a vergonha (CoSS) apresentam um efeito mediador sobre a relação entre os níveis atuais de vergonha (OAS) e a agressão (i.e., Aberta, Relacional e Reputacional), primeiro para a amostra completa e, posteriormente para a amostra dividida por géneros (Feminino e Masculino). Este tipo de análise é um caso especial da análise de Modelos de Equações Estruturais (MEE) que tem como objetivo explorar relações estruturais hipotéticas, ou seja os efeitos diretos e indiretos, existentes entre as variáveis previamente estabelecidas (Pilati & Larose, 2007; Kline, 2005; Marôco, 2010; Schreiber et al., 2006). Este procedimento tem como objetivo testar o efeito que um

¹ De acordo com Hair et al., (2009) numa amostra com menos de 250 sujeitos e com um número de variáveis compreendido entre 12 e 30 (OAS, R-PEQ), valores de RMSEA inferiores a .08 em conjunto com valores de CFI de .95, ou mais elevados, revelam bons índices de ajustamento. Para um número de variáveis superior a 30 (CoSS), valores de RMSEA inferiores a .08, em conjunto com valores de CFI de .92, também revelam um bom ajustamento do modelo.

conjunto de variáveis exerce noutro conjunto, na mesma equação, ao mesmo tempo que o erro associado às variáveis sob estudo é controlado (Byrne, 2010; Kline, 2005). De acordo com Hoyle and Smith (1994), os MEE apresentam duas vantagens que se sobrepõem ao uso de uma análise da variância ou de regressão múltipla. Em primeiro lugar, os MEE permitem avaliar a magnitude das relações entre os constructos psicológicos, ao mesmo tempo que há um controlo dos erros de medição associados aos constructos falíveis das construções teóricas. Em segundo lugar, permite estimar e avaliar várias equações (i.e., trajetórias únicas e comuns), simultaneamente, num único modelo estrutural. Efeitos com um $p < 0.05$ foram considerados significativos. O ajustamento do modelo aos dados foi avaliado usando os seguintes índices: *Chi-square (χ^2) test*, *Comparative Fit Index (CFI)*, *Tucker-Lewis Index (TLI)*, *Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA)* and *Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)*.

III - Resultados

3.1. Estatísticas descritivas das variáveis em estudo

As médias e desvios-padrão para todas as variáveis deste estudo encontram-se descritas na Tabela 1. Os testes *t-student* foram realizados no sentido de explorar possíveis diferenças entre os géneros.

Tabela 1. Estatísticas descritivas e teste t para a variável género por escala.

	Total (n=133)		Rapazes (n=82)		Raparigas (n=51)		t
	M	DP	M	DP	M	DP	
Vergonha							
OAS	28.05	16.37	25.95	15.71	31.43	16.99	-1.895
Coping com a Vergonha							
CoSS EV	20.08	10.22	19.95	10.93	20.29	9.06	-1.88
CoSS AS	20.74	11.96	18.83	11.72	23.82	11.81	-2.383*
CoSS FG	20.95	11.61	19.20	11.54	23.78	11.26	-2.251*
CoSS AO	18.17	10.98	18.22	10.95	18.08	11.14	0.072
Agressão							
AA	6.83	3.17	7.07	3.13	6.43	3.21	1.138
A REL	6.22	2.71	6.73	2.62	5.29	2.84	2.780*
A REP	5.74	2.98	6.22	3.01	4.98	2.64	2.450*

Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

Ana Paula dos Santos Roxo (e-mail: ana_roxo@hotmail.com) 2015

* $p < 0.05$

Nota: OAS= Other As Shamer Scale; AA, Agressão aberta; A REL, Agressão Relacional; A REP, Agressão Reputacional; CoSS AO, Ataque ao Outro; CoSS AE, Ataque ao Self; CoSS EV, Evitamento; CoSS FG, Fuga.

3.2. Estudo das qualidades psicométricas das escalas

Foram testados modelos de medidas, um submodelo da Análise de Equações Estruturais, através da Análise Fatorial Confirmatória, para todas as escalas utilizadas no presente estudo. Para estes estudos de natureza confirmatória usou-se o método de estimação dos Mínimos Quadrados Ponderados Robustos (WLSMV - *robust weighted least squares*). Na especificação do modelo de AFC, o número de fatores foi estabelecido de acordo com os fatores das escalas que dizem respeito apenas às variáveis que compõem o presente estudo.

Os resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) em Equações Estruturais sugerem que a escala de vergonha externa (OAS), com 18 itens, apresentou um aceitável ajustamento do modelo aos dados ($\chi^2 = 298.788$; $df = 135$; $p < .001$); CFI=.976; TLI=.973; RMSEA=.096, $p < .001$; WRMR =.849). Por sua vez, o modelo de medida testado para os quatro fatores correspondentes às variáveis em análise da escala CoSS demonstrou um bom ajustamento aos dados do presente estudo ($\chi^2 = 1635.242$; $df = 1074$, $p < .001$; CFI =.950; TLI =.948,; RMSEA = .063, $p < .001$; WRMR = 1.159). Da mesma forma, os resultados da AFC para o modelo de três fatores da escala R-PEQ utilizado neste estudo, Agressão Aberta, Relacional e Reputacional, demonstraram um bom ajustamento aos dados ($\chi^2 = 46.330$ ($df = 24$, $p < .001$); CFI =.991 TLI =.986, RMSEA = .084, $p > .05$; WRMR = 0.516).

3.3. Estudo das relações entre vergonha e agressão: análise de correlações

Os coeficientes de correlação de *Pearson*² para as variáveis em estudo encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2. Correlações entre a vergonha e os tipos de agressão.

	OAS	AA	A REL	A REP
AA	.399**			

² As correlações foram interpretadas de acordo com Field (2009).

Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

Ana Paula dos Santos Roxo (e-mail: ana_roxo@hotmail.com) 2015

A REL	.391**	.695**		
A REP	.325**	.654**	.781**	
CoSS AO	.579**	.587**	.572**	.568**
CoSS AS	.729**	.435**	.296**	.357**
CoSS EV	.539**	.375**	.509**	.403**
CoSS FG	.683**	.488**	.421**	.377**

** $p < .001$

Nota: OAS= Other As Shamer Scale; AA, Agressão aberta; A REL, Agressão Relacional; A REP, Agressão Reputacional; CoSS AO, Ataque ao Outro; CoSS AE, Ataque ao Self; CoSS EV, Evitamento; CoSS FG, Fuga.

Os níveis atuais de vergonha (OAS) encontram-se positiva e significativamente correlacionados com todas as dimensões da agressão, de uma forma moderada (OAS-AA: $r(133) = .39$; $p < .001$; OAS-AREL: $r(133) = .39$; $p < .001$; OAS-AREL: $r(133) = .33$; $p < .001$). No que se refere à correlação entre as estratégias de *coping* (CoSS – AO/AS/EV/FG) e a agressão (R-PEQ – AA/AREL/AREP), todas as estratégias estão positiva e significativamente associadas de forma moderada às dimensões da agressão, com exceção da estratégia Ataque ao *Self* que apresenta uma correlação fraca com dimensão Agressão Relacional ($r(133) = .30$; $p < .001$). Estas correlações apresentam valores que variam entre $r(133) = .36$; $p < .001$ (CoSS AS com AREP) e $r(133) = .59$; $p < .001$ (CoSS AO com AA).

3.4. Papel mediador dos estilos de coping na relação entre vergonha e agressão: análise de trajetórias

3.4.1. Estudo com a amostra completa

De acordo com as hipóteses previamente estabelecidas e com o modelo estrutural teórico construído, recorreu-se ao uso da análise trajetórias com o objetivo de explorar o papel mediacional dos estilos de *Coping* com a Vergonha (i.e. Ataque ao Eu, Ataque ao Outro, Evitamento e Fuga), na relação entre os níveis de vergonha atualmente sentidos e a Agressão (i.e. Aberta, relacional e Reputacional). Para tal foi utilizado o método de estimação da Máxima Verossimilhança (ML – *Maximum Likelihood*, 36 parâmetros).

Depois de testado o modelo e analisados os coeficientes

estandardizados, verificou-se que as seguintes trajetórias não se revelaram estatisticamente significativas ($p > .05$): o efeito direto da vergonha (OAS) na Agressão Aberta ($\beta=.024$; $p=.211$), na Agressão Relacional ($\beta=.031$; $p=.060$) e na Agressão Reputacional ($\beta=.018$; $p=0.350$), o efeito direto do estilo de *coping* Ataque ao *Self* na Agressão Aberta ($\beta=-.092$; $p=.056$), na Agressão Relacional ($\beta=-.081$; $p=.610$) e na Agressão Reputacional ($\beta=-.071$; $p=.130$), o efeito direto do estilo de *coping* Fuga na Agressão Relacional ($\beta=.015$; $p=.714$) e na Agressão Reputacional ($\beta=.018$; $p=.700$) e o efeito direto do estilo de *coping* Evitamento na Agressão Reputacional ($\beta=-.007$; $p=.850$).

Assim, estas trajetórias não significativas foram progressivamente eliminadas, e o modelo estrutural constituído por 36 parâmetros foi recalculado. Adicionalmente, correlações entre todos os estilos de *coping* foram adicionadas, mediante as sugestões baseadas nos índices de modificação apresentados pelo *software*. O modelo final (Figura 1) apresentou excelentes índices de ajustamento: $\chi^2=3.1551$; $df=6$; $p < .05$; RMSEA= 0.000; $p > .05$; CFI=1.000; TLI=1.015; SRMR=.015 (Hair et al., 2009)³.

Este modelo explica 29 % do estilo de *coping* Evitamento, 54% do Ataque ao *Self*, 47% da Fuga, 34% do Ataque ao Outro, 38 % da Agressão Aberta, 34% da Agressão Relacional e 32% da Agressão Reputacional.

No que se refere aos efeitos diretos estatisticamente significativos os resultados mostraram que, como era esperado, existe uma relação de predição direta entre os níveis de vergonha atuais e todos estilos de *coping* com a vergonha: Ataque ao *Self* ($\beta=.53$; $p\leq.001$), Ataque ao Outro ($\beta=.39$; $p\leq.001$), Fuga ($\beta=.48$; $p\leq.001$) e Evitamento ($\beta=.33$; $p\leq.001$), não apresentando esta variável um efeito direto de predição em qualquer uma das formas de agressão em estudo.

No que se refere às estratégias de *coping* maladaptativas, os resultados demonstraram que existe um efeito direto dos estilos de *coping* Ataque ao Outro ($\beta=.16$; $p\leq.001$), Fuga ($\beta=.07$; $p=.003$) e Evitamento ($\beta=-$

³ De acordo com Hair et al., (2009) numa amostra com menos de 250 sujeitos e com um número de variáveis inferior a 12, valores de RMSEA inferiores a .08 em conjunto com valores CFI de .97, ou mais elevados, revelam bons índices de ajustamento.

.07; $p=.011$) sobre a variável Agressão Aberta. No que diz respeito à Agressão Relacional, resultados revelam que existe um efeito direto dos estilos de *coping* Ataque ao Outro ($\beta=.10$; $p\leq.001$) e Evitamento ($\beta=.06$; $p=.006$) sobre esta mesma variável. Por fim, quanto à variável Agressão Reputacional, esta apenas é diretamente predita pelo estilo de *coping* Ataque ao Outro ($\beta=.15$; $p\leq.001$).

Quanto a trajetórias indiretas, apenas se verificaram efeitos significativos para as trajetórias entre vergonha e a agressão, através da estratégia evitamento (OAS - CoSS EV - AA : $\beta= -.026$; $p<.05$) e ataque ao outro : OAS - CoSS AO - AA : $\beta=.065$; $p\leq.001$; OAS - CoSS AO - AREL: $\beta=.039$; $p\leq.001$ e OAS - CoSS AO - AREP: $\beta=.060$; $p\leq.001$.

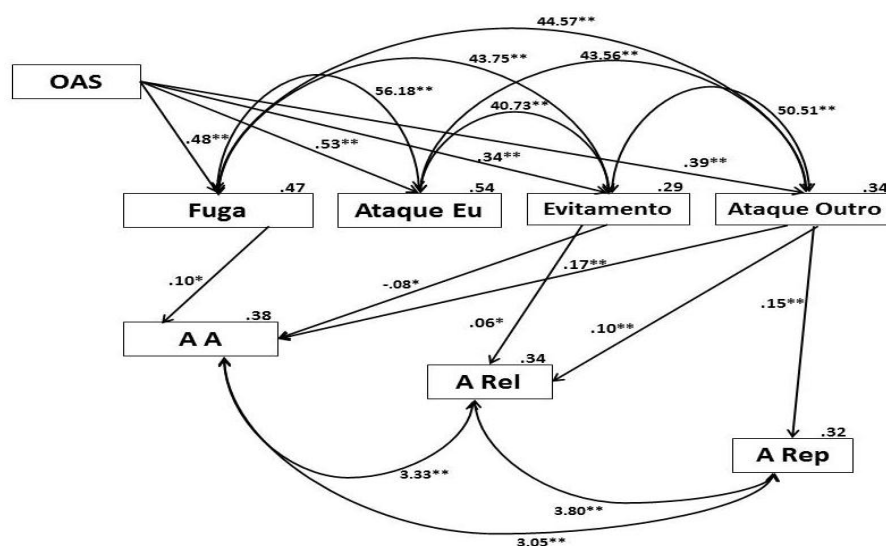


Figura 1. Resultados da análise de trajetórias entre a vergonha, os estilos desadaptativos de *coping* com a vergonha e a agressão entre pares, para a amostra completa, com os coeficientes padronizados e significativos. Por uma questão de facilidade de leitura, os erros associados à variância dos resultados não estão incluídos. Nota: OAS, Other As Shamer Scale; AA, Agressão aberta; A REL, Agressão Relacional; A REP, Agressão Reputacional.

* $p \leq .05$; ** $p \leq .001$.

3.4.2. Estudo com o grupo do género feminino

O mesmo modelo estrutural foi testado para a amostra apenas com participantes do género feminino. Para tal foi utilizado o método de estimação da Máxima Verossimilhança (ML – *Maximum Likelihood*, 36 parâmetros).

Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

Ana Paula dos Santos Roxo (e-mail: ana_roxo@hotmail.com) 2015

Depois de testado o modelo e analisados os coeficientes estandardizados, verificou-se que as seguintes trajetórias não se revelaram estatisticamente significativas ($p > .05$): o efeito direto da Vergonha (OAS) na Agressão Aberta ($\beta = .011$; $p = .721$), na Agressão Relacional ($\beta = .020$; $p = .430$) e na Agressão Reputacional ($\beta = .016$; $p = 0.501$), o efeito direto do estilo de *coping* Ataque ao Eu na Agressão Aberta ($\beta = -.137$; $p = .117$) e na Agressão Relacional ($\beta = -.142$; $p = .060$), o efeito direto do estilo de *coping* Fuga na Agressão Aberta ($\beta = .071$; $p = .130$), na Agressão Relacional ($\beta = .118$; $p = .890$) e na Agressão Reputacional ($\beta = .105$; $p = .099$) e o efeito direto do estilo de *coping* Evitamento na Agressão Aberta ($\beta = -.024$; $p = .658$) e na Agressão Reputacional ($\beta = -.0053$; $p = .215$).

Assim, estas trajetórias não significativas foram progressivamente eliminadas, e o modelo estrutural consistido por 36 parâmetros foi recalculado. Adicionalmente, correlações entre todos os estilos de *coping* foram adicionadas, mediante as sugestões baseadas nos índices de modificação apresentados pelo *software*. O modelo final (Figura 2) apresentou excelentes índices de ajustamento: $\chi^2 = 4.61251$; $df = 7$; $p < .05$; RMSEA = 0.000, $p > .05$; CFI = 1.000; TLI = 1.032; SRMR = .025.

Este modelo explica 13 % do estilo de *coping* Evitamento, 51% do Ataque ao *Self*, 41% da Fuga, 19% do Ataque ao Outro, 33 % da Agressão Aberta, 39% da Agressão Relacional e 39% da Agressão Reputacional.

No que se refere aos efeitos diretos estatisticamente significativos os resultados mostraram que, como era esperado, existe uma relação de predição direta entre a Vergonha atualmente sentida e todos estilos de *Coping* com a Vergonha: Ataque ao Eu ($\beta = .496$; $p \leq .001$), Ataque ao Outro ($\beta = .287$; $p \leq .001$), Fuga ($\beta = .422$; $p \leq .001$) e Evitamento ($\beta = .191$; $p \leq .001$), não apresentando, mais uma vez, um efeito directo de predição em qualquer uma das formas de Agressão em estudo.

Os resultados demonstraram que a variável Agressão Aberta apenas é predita pelo estilo de *coping* Ataque ao Outro ($\beta = .166$; $p \leq .001$). No que diz respeito à Agressão Relacional, resultados revelam que existe um efeito direto entre estilos de *coping* Ataque ao Outro ($\beta = .107$; $p \leq .001$) e Evitamento ($\beta = .085$; $p < .05$) e esta mesma variável. Por fim, quanto à variável Agressão Reputacional, esta é diretamente predita pelo estilo de *coping* Ataque ao Outro ($\beta = .178$; $p \leq .001$) e negativamente predita pela

estratégia mal adaptativa Ataque ao *Self* ($\beta = -.053$; $p < .05$).

Quanto a trajetórias indiretas, apenas se verificaram efeitos significativos entre a vergonha e agressão através da variável mediadora Ataque ao Outro (OAS - CoSS AO - AA: $\beta = .048$; $p < .05$; OAS - CoSS AO - AREL: $\beta = .031$; $p < .05$ e OAS - CoSS AO - AREP: $\beta = .051$; $p < .05$).

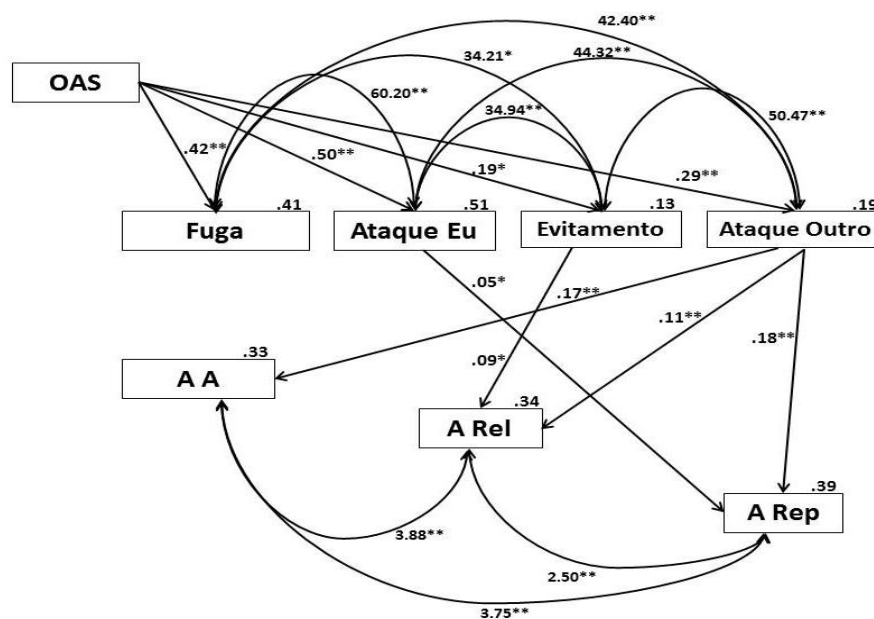


Figura 2. Resultados da análise de trajetórias entre a vergonha, os estilos desadaptativos de *coping* com a vergonha e a agressão entre pares, para a amostra do género masculino, com os coeficientes estandardizados e significativos. Por uma questão de facilidade de leitura, os erros associados à variância dos resultados não estão incluídos. Nota: OAS, Other As Shamer Scale; AA, Agressão aberta; A REL, Agressão Relacional; A REP, Agressão Reputacional.

* $p \leq .05$; ** $p \leq .001$.

3.4.3. Estudo com o grupo do género masculino

O mesmo modelo estrutural, inicialmente estabelecido, foi testado para a amostra apenas com participantes do género masculino. Para tal foi utilizado o método de estimação da Máxima Verossimilhança (ML – *Maximum Likelihood*, 36 parâmetros).

Depois de testado o modelo e analisados os coeficientes estandardizados, verificou-se que as seguintes trajetórias não se revelaram

Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

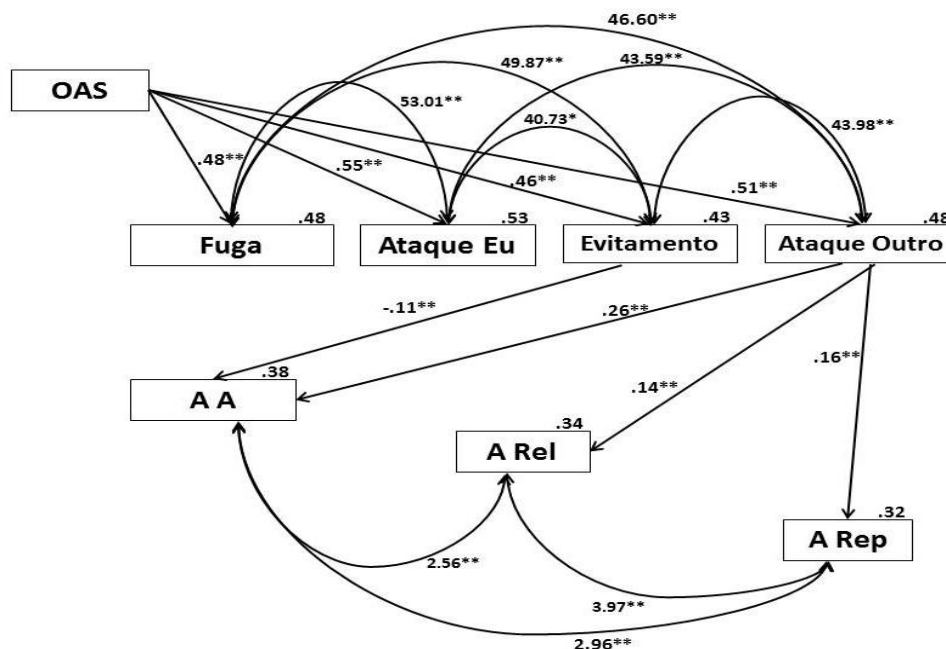
estatisticamente significativas ($p > .05$): o efeito direto da Vergonha (OAS) na Agressão Aberta ($\beta = .043$; $p = .082$), na Agressão Relacional ($\beta = .080$; $p = .073$) e na Agressão Reputacional ($\beta = .027$; $p = .297$), o efeito direto do estilo de *coping* Ataque ao *Self* na Agressão Aberta ($\beta = -.050$; $p = .385$), na Agressão Relacional ($\beta = -.025$; $p = .618$) e na Agressividade Reputacional ($\beta = -.001$; $p = .982$), o efeito direto do estilo de *coping* Fuga na Agressão Aberta ($\beta = .105$; $p = .071$), na Agressão Relacional ($\beta = -.005$; $p = .921$) e na Agressão Reputacional ($\beta = -.001$; $p = .977$) e o efeito direto do estilo de *coping* Evitamento na Agressão Relacional ($\beta = -.043$; $p = .314$) e na Agressão Reputacional ($\beta = -.003$; $p = .952$).

Assim, estas trajetórias não significativas foram progressivamente eliminadas, e o modelo estrutural consistido por 37 parâmetros foi recalculado. Adicionalmente, correlações entre todos os estilos de *coping* foram adicionadas, mediante as sugestões baseadas nos índices de modificação apresentados pelo *software*. O modelo final (Figura 3) apresentou bons índices de ajustamento: $\chi^2 = 10.167$; $df = 5$ $p < .05$; $RMSEA = 0.112$, $p > .05$; $CFI = .992$; $TLI = .954$; $SRMR = .037$.

Este modelo explica 43 % do estilo de *coping* Evitamento, 53% do Ataque ao *Self*, 47% da Fuga, 48% do Ataque ao Outro, 40 % da Agressão Aberta, 34% da Agressão Relacional e 34% da Agressão Reputacional.

No que se refere aos efeitos diretos estatisticamente significativos os resultados mostraram que, como era esperado, existe uma relação de predição direta entre a Vergonha atualmente sentida e todos estilos de *Coping* com a Vergonha: Ataque ao *Self* ($\beta = .496$; $p \leq .001$), Ataque ao Outro ($\beta = .287$; $p \leq .001$), Fuga ($\beta = .422$; $p \leq .001$) e Evitamento ($\beta = .191$; $p \leq .001$), não apresentando, mais uma vez, um efeito direto de predição em qualquer uma das formas de agressão em estudo. Os resultados demonstraram também que a variável Agressão Aberta é predita positivamente pela estratégia Ataque ao Outro ($\beta = .263$; $p \leq .001$) e negativamente pela estratégia Evitamento ($\beta = -.113$; $p < .05$). No que diz respeito à agressão Relacional e Reputacional os resultados revelam que apenas existe um efeito direto do estilo de *coping* ataque ao outro sobre ambas as variáveis ($\beta = .138$; $p \leq .001$; $\beta = .163$; $p \leq .001$, respetivamente).

Quanto a trajetórias indiretas, apenas de verificaram efeitos significativos para as trajetórias entre vergonha e a agressão, através da estratégia Evitamento (OAS - CoSS EV - AA ($\beta = -.051; p < .05$) e Ataque ao



Outro (OAS - CoSS AO - AA: $\beta = .127; p \leq .001$; OAS - CoSS AO - A REL: $\beta = .066; p \leq .001$ e OAS - CoSS AO - A REP: $\beta = .078; p \leq .001$).

Figura 3. Resultados da análise de trajetórias entre a vergonha, os estilos desadaptativos de *coping* com a vergonha e a agressão entre pares, para a amostra do gênero masculino, com os coeficientes estandardizados e significativos. Por uma questão de facilidade de leitura, os erros associados à variância dos resultados não estão incluídos. Nota: OAS, Other As Shamer Scale; AA, Agressão aberta; A REL, Agressão Relacional; A REP, Agressão Reputacional.

* $p \leq .05$; ** $p \leq .001$.

IV - Discussão

O trabalho apresentado teve como objetivo geral explorar o possível papel mediador dos diferentes estilos de *coping* com a vergonha desadaptativos acima descritos – A Fuga, o Ataque ao *Self*, o Evitamento e o Ataque ao Outro, na relação entre os níveis vergonha experienciados e os tipos de agressão expressa entre pares. A par disto, testou-se um modelo hipotetizado para a amostra geral, na amostra dividida por gêneros, a fim de explorar possíveis diferenças nos resultados.

Os resultados obtidos facultaram uma compreensão empírica do que Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

é sugerido pela articulação dos Modelos Evolucionários, Teoria Shame-Rage e Compass of Shame no sentido de explicar a relação entre vergonha e comportamento agressivo.

Em geral os principais resultados corroboram a ideia de que as estratégias desadaptativas de *coping* funcionam como mediadoras na relação entre a vergonha e a agressividade. Isto significa que a relação entre estas duas variáveis, apenas existe quando pelo menos uma das estratégias se encontra presente. Tal facto vai de encontro ao postulado pela literatura uma vez que pode não ser a experiência de vergonha em si, mas a forma como lidamos e nos defendemos contra ela que vai gerar comportamentos do tipo (Elison, Pulos, & Lennon, 2006a,b; Nathanson, 1992).

Analisando mais cuidadosamente o papel de cada estratégia, observam-se algumas diferenças. Os resultados demonstraram uma associação positiva entre o estilo de *coping* Ataque ao Outro e todos os subtipos de agressão quando se experiencia vergonha. Este resultado é comum a todos os modelos testados, seja na amostra completa, feminina e masculina e significa que quando o adolescente não aceita a vergonha experienciada direciona os sentimentos de raiva provocados pela mesma para a fonte causadora de vergonha. Assim, ao atacar alguém, física e verbalmente, o sujeito sente-se superior e conseqüentemente tranquiliza-se (Elison et al., 2006a,b; Lewis, 1971). Outra explicação para esta associação é congruente com a perspectiva de Gilbert sobre a vergonha na mentalidade de *ranking* social (1997, 2002); o autor postula que quanto maior é a percepção de ameaça do adolescente, em relação ao seu estatuto social, maior irá ser a tendência de se defender atacando o outro. À luz do modelo biopsicossocial a tentativa falhada de gerar afeto positivo na mente do outro vai ser interpretada pelo sujeito como uma ameaça que vai desencadear diferentes estratégias de defesa externalizantes, que passam pelo ataque (Gilbert, 1998,2002). Segundo Tangney, Stuewing e Mashek (2007), não são usadas apenas formas abertas de agressão para lidar com o sentimento de defeito gerado pela experiência de vergonha, a tendência é também atacar o outro por formas indiretas de agressão, como é o caso da agressão relacional e reputacional.

Ainda no âmbito do efeito mediador das estratégias de *coping*, o estilo de *coping* de Evitamento assumiu o papel de preditor da agressão, mas

apenas para suas formas aberta e relacional, e em sentidos diferentes. Na relação com a agressão aberta, o coping de Evitamento assume um valor negativo, parecendo desempenhar um papel protetor em relação à mesma. Quando o adolescente tenta distrair-se, a si e aos outros, da experiência de vergonha consegue envolver-se menos em comportamentos conflituosos abertos. Desta forma, a regulação emocional e consequente distanciamento do sentimento de desconforto causado pela experiência de vergonha, é feita através da supressão desta mesma emoção e não externalizando os sentimentos de raiva. Ao distrair-se, a si e aos outros, fazendo-se passar por alguém na verdade, não é (Elison et al., 2006a,b), o adolescente está em contacto com a necessidade de inata que ser humano apresenta de criar afeto positivo na mente do outro, ou seja uma imagem positiva, por forma a não perder a sua posição de estatuto social, nem ser rejeitado pelos pares, o que poderia acontecer se agisse agressivamente contra alguém (Gilbert, 1997, 1998, 2002, 2010).

Já no que se refere à agressão relacional, o Evitamento funciona como mediador mas no sentido positivo. Assim, quanto maior é a tendência para rejeitar a experiência de vergonha e a mensagem que esta transmite, mais o sujeito tende a envolver-se em comportamentos agressivos do tipo relacional (Elison et al., 2006a,b). Uma hipótese explicativa para este resultado pode estar relacionada com a natureza deste tipo de agressão. Sendo a agressão relacional uma forma mais refinada, e menos confrontacional com as vítimas (De Los Reyes, & Prinstein, 2004) pode não haver uma reacção imediata contra o outro. Desta forma, o sujeito pode adotar uma estratégia de Evitamento a fim de se distrair, momentaneamente, dos sentimentos negativos associados à experiência de vergonha, exibindo o seu comportamento agressivo na forma relacional mais tarde.

A estratégia de *coping* Ataque ao *Self* aparece também, ainda que com valores menos expressivos, como uma estratégia protetora da agressão relacional, agora, na amostra dividida por géneros, nas raparigas. Uma possível explicação teórica para este facto, relaciona-se com a função do processamento da culpa e raiva assimilados durante a experiência de vergonha. A raiva é dirigida para o interior havendo uma tendência para o sujeito se auto criticar, culpabilizar e principalmente desvalorizar (Elison et al., 2006a,b). Desta forma não haverá a necessidade de denegrir a imagem e

estatuto social do outro, uma vez que é o eu que é percebido como indesejável e não ele.

Por último, de todos os resultados, o menos esperado de todos foi o que veio associar positivamente a estratégia de Fuga, ou seja, a retirada da situação indutora do sentimento de vergonha, com a agressão aberta, na amostra completa. Segundo este resultado, quanto mais eu evito a situação em si, mais tendência tenho a agredir abertamente o alvo indutor do sentimento de desconforto gerado. Dado que este resultado não apresenta coerência conceptual acredita-se, primeiramente, que se possa dever a fatores metodológicos ou procedimentais como o tamanho da amostra ou cansaço/distração associados ao preenchimento do protocolo. No entanto, aquando do desenvolvimento da escala de avaliação destas estratégias de *coping*, foram encontradas elevadas correlações entre a estratégia de Fuga e a de Ataque ao Outro. Esta correlação pode representar um comportamento passivo-agressivo por parte do adolescente, o que o leva a, perante a mesma situação, adotar comportamentos diferentes. O comportamento passivo representaria a Fuga e o agressivo o Ataque ao Outro. Desta forma, pode haver o desejo do sujeito evitar a situação, no entanto a raiva espoletada pela experiência de vergonha pode sobrepor-se ao sentimento de desconforto, camuflando-o. Assim o sujeito acaba por enfrentar a situação dirigindo a raiva para o outro, atacando-o abertamente (para uma revisão ver Elison et al., 2006a).

Para concluir, é importante referir que a preferência por algumas estratégias de *coping*, nomeadamente o Ataque ao Outro e o Evitamento, não parecem dever-se a diferenças de género, mas ao tipo de agressão que se encontram a predizer. É também importante ressaltar que o Diagnóstico de Perturbação Disruptiva do Comportamento parece estar a sobrepor-se às diferenças entre género, no que dita a escolha da estratégia utilizada. No que se refere a esta questão, os resultados vão de acordo a um estudo sobre estratégias de *coping* desadaptativas realizado por Caldas (2013, *manuscrito não publicado*) com uma população semelhante, que afirmava que adolescentes com problemas de comportamento tendem a externalizar os seus sentimentos de vergonha, recorrendo em maiores níveis a estratégias de Ataque ao Outro.

V – Limitações e Estudos Futuros

Este estudo procurou contribuir para a análise da relação entre vergonha e agressividade em adolescentes com perturbação do comportamento e perturbação de oposição, explorando o possível papel mediador dos estilos de *coping* utilizados para lidar com a vergonha na relação entre a mesma e os comportamentos agressivos.

Os resultados obtidos e acima discutidos conferem um papel de destaque aos estilos de *coping* enquanto mediadores da relação entre a vergonha experienciada e o tipo de agressividade adotada. Assim, estes dados permitem traçar algumas considerações tanto a nível da conceptualização como da intervenção junto de adolescentes com problemas de comportamento. Contudo, devem-se discutir os resultados com alguma reserva dadas algumas limitações na metodologia do estudo.

Os dados encontrados apresentam relações significativas embora pouco expressivas. Assim, das limitações ao estudo anteriormente descrito, destaca-se em primeiro lugar a reduzida dimensão da amostra. Considera-se que deve ser um fator importante a ter em conta, aquando da interpretação dos dados, uma vez que pode ser justificativa de alguns resultados menos esperados e também da fraca associação existente entre as variáveis, mesmo sendo significativa. Sugere-se, que num estudo futuro se parta de uma amostra significativamente maior para verificar se estas associações se mantêm ou se serão encontrados resultados mais robustos. Ainda no que se refere à amostra, é importante salientar a distribuição não proporcional da mesma por géneros, a maior prevalência masculina, que pode ter influenciado a comparação por géneros.

A utilização de uma amostra clínica de adolescentes com perturbações do comportamento constitui uma mais-valia dada a sua dificuldade de acesso e sendo que foram utilizados procedimentos metodológicos rigorosos para o efeito (entrevistas clínicas estruturadas). O uso de instrumentos com boas qualidades psicométricas, que medem especificamente as variáveis operacionalizadas pelos modelos e que são aplicados a nível nacional e internacional confere alguma robustez aos resultados. Além do mais, vale a pena lembrar que não são conhecidos estudos com estas variáveis numa amostra clínica.

Para estudos futuros sugere-se ainda a comparação deste mesmo Vergonha e agressão por pares em adolescentes com problemas de comportamento: o efeito mediador do *coping* com a vergonha.

modelo em duas amostras distintas, uma clínica e outra comunitária, a fim de melhor averiguar as diferenças existentes entre os géneros. Desta forma, poderia aperfeiçoar-se a intervenção direcionando-a para as necessidades específicas de cada adolescente.

Atendendo ao carácter desenvolvimental da experiência de vergonha seria interessante controlar o efeito de variáveis como a centralidade das experiências de vergonha, as memórias precoces e os estilos educativos parentais, numa amostra de maior dimensão.

Em jeito de conclusão, este estudo alertou para a necessidade de dar maior atenção ao *coping* com a vergonha na investigação e intervenção com adolescentes com perturbações do comportamento e de oposição. No domínio da avaliação psicológica, será interessante utilizar a avaliação dos estilos de *coping* como fator complementar para o rastreio de fatores de vulnerabilidade e para a intervenção preventiva e remediativa, considerar o treino de estilos de *coping* adaptativos, estratégias baseadas na aceitação experiencial e compaixão que tragam ao processamento da vergonha o conhecimento de que esta é uma experiência natural que pode ser melhor recebida de forma não defensiva.

Bibliografia

- Allan, S., Gilbert, P., & Goss, K. (1994). An exploration of shame measuresII:Psychopathology. *Personality and Individual Differences*, *17*, 719-722. doi:10.1016/0191-8869(94)90150-3.
- Andrews, B. (2002). Body shame and abuse in childhood. In P. Gilbert, & J. Miles (Eds.), *Body shame: Conceptualisation, research and treatment* (pp. 256–266). London: Brunner.
- Andrews, B., Berwin, C. R., Rose, S., & Kirk, M. (2000). Predicting PTSD symptoms in victims of violent crime: The role of shame, anger, and childhood abuse. *Journal of Abnormal Psychology*, *109*, 69-73.
- Archer, J., & Coyne, S. M. (2005). An integrated review of indirect, relational, and social aggression. *Personality and Social Psychology Review*, *9*(3), 212-230. doi:10.1207/s15327957pspr0903_2.
- Baker, L. A., Jacobson, K. C., Raine, A., Lozano, D. I., & Bezdjian, S. (2007). Genetic and environmental bases of childhood antisocial behavior: A multi-informant twin study. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*, 219-235.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss (Vol.1)*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss (Vol.2)*. New York: Basic Books.
- Berntsen, D., & Rubin, D. C. (2006). Centrality of Event Scale: A measure of integrating a trauma into one's identity and its relation to post - traumatic stress disorder symptoms. *Behaviour Research and Therapy*, *44*, 219 -231. doi: 10.1016/j.brat.2005.01.009.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming* (2nd ed.). New York: Routledge Academic.
- Bryceland, C., & Strayer, J. (1999). *Shame and guilt: A functionalist reconceptualization applied to adaptive-maladaptive continua*. Poster presented at the meeting of the Society for Research in Child Development; Albuquerque, New Mexico.
- Cairns, R. B., Cairns, B., Neckerman, H., Ferguson, L., & Gapiéry, J. (1989). Growth and aggression: 1. Childhood to early adolescence.

- Developmental Psychology*, 25(2), 320-330. doi:10.1037/0012-1649.25.2.320.
- Caldas, G. (2013). “Shame on you” or “shame on me”? - O *coping* com a vergonha em adolescentes com perturbação de conduta, com fobia social e sem psicopatologia. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica na subárea de especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e da Saúde, sob a orientação do Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo.
- Card, N. A., & Little, T. D. (2006). Proactive and reaction aggression in childhood and adolescence: a meta-analysis of differential relations with psychosocial adjustment. *International Journal of Behavioural Development*, 30, 466-480.
- Card, N. A., Stucky, B. D., Sawalani, G. M., & Little, T. D. (2008). Direct and indirect aggression during childhood and adolescence: A meta-analytic review of gender differences, intercorrelations, and relations to maladjustment. *Child Development*, 79(5), 1185-1229. doi:10.1111/j.1467-8624.2008.01184.x.
- Cheung, M., Gilbert, P., & Irons, C. (2004). An exploration of shame, social rank and rumination in relation to depression. *Personality and Individual Differences*, 36, 1143-1153. doi:10.1016/S0191-8869(03)00206-X.
- Claesson, K., & Sohlberg, S. (2002). Internalized shame and early interactions characterized by indifference, abandonment and rejection: Replicated findings. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 9, 277–284.
- Crapanzo, A., Frick, P. & Terranova, A. (2010). Patterns of Physical and Relational Aggression in a School-Based Sample of Boys and Girls. *Journal of Clinical Child Psychology*, 38, 433-445. doi 10.1007/s10802-009-9376-3.
- Crick, N. R. (1995). Relational aggression: The role of intent attributions, feelings of distress, and provocation type. *Development and Psychopathology*, 7, 313-322.
- Crick, N. R. (1996). The role of overt aggression, relational aggression, and prosocial behavior in the prediction of children’s future social

- adjustment. *Child Development*, 67(5), 2317-2327. doi:10.2307/1131625.
- Crick, N. R. (1997). Engagement in gender normative versus nonnormative forms of aggression: Links to social-psychological adjustment. *Developmental Psychology*, 33, 610-617.
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1996). Children's treatment by peers: Victims of relational and overt aggression. *Development and Psychopathology*, 8, 367-380.
- Creusere, M. (1999). Theories of adults' understanding and use of irony and sarcasm: Applications to and evidence from research with children. *Developmental Review*, 19, 213-262.
- Pilati, R., & Laros, J. A. (2007). Modelos de Equações Estruturais em Psicologia: Conceitos e Aplicações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 205-216. doi:10.1590/S0102-37722007000200011.
- De Los Reys, A., & Prinstein, M. J. (2004). Applying depression-distortion hypotheses to the assessment of peer victimization in adolescents. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 33(2), 325-335. doi:10.1207/s15374424jccp3302_14.
- Elison, J., Lennon, R., & Pulos, S. (2006a). Investigating the Compass of Shame: The development of the Compass of Shame Scale. *Social Behavior and Personality*, 34(3), 221-238. doi:10.2224/sbp.2006.34.3.221
- Elison, J., Pulos, S., & Lennon, R. (2006b). Shame-focused coping: An empirical study of the Compass of Shame. *Social Behavior and Personality*, 34(2), 161-168. doi:10.2224/sbp.2006.34.2.161.
- Farmer, E., & Andrews B. (2009). Shameless yet angry: shame and its relationship to anger in male young offenders and undergraduate controls. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 20, 48-65.
- Farrington, D. P. 1998. Predictors, causes, and correlates of male youth violence. *Crime Justice*, 24, 421-475.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS: (and sex, drugs and rock 'n' roll)* (3rd ed.). Los Angeles: Sage Publications.
- Fonseca, L., da Motta, C., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., & Rijo, D. (2013). A bússola da vergonha: dimensionalidade e características

psicométricas da escala de *coping* com a vergonha em adolescentes. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

- Gilbert, P. (1989). *Human nature and suffering*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilbert, P. (1995). Biopsychosocial approaches and evolutionary theory as aids to integration in clinical psychology and psychotherapy. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 2, 135-156. doi:10.1002/cpp.5640020302
- Gilbert, P. (1997). The evolution of social attractiveness and its role in shame, humiliation, guilt and therapy. *British Journal of Medical Psychology*, 70, 113 – 147.
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. In P. Gilbert, & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology and culture* (pp.3–36). New York: Oxford University Press.
- Gilbert, P. (2000a). Social mentalities: Internal ‘social’ conflicts and the role of inner warmth and compassion in cognitive therapy. In P. Gilbert & K. G. Bailey (Eds.), *Genes on the couch: Explorations in evolutionary psychotherapy*. Hove: Brunner-Routledge.
- Gilbert, P. (2000b). The relationship of shame, social anxiety and depression: The role of the evaluation of social rank. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 1, 174-189.
- Gilbert, P. (2002). Body shame: A biopsychosocial conceptualization and overview, with treatment implications. In P. Gilbert, & J. Miles (Eds.), *Body shame: Conceptualisation, research and treatment* (pp. 3–54). London: Brunner.
- Gilbert, P. (2005). Social mentalities: A biopsychosocial and evolutionary reflection on social relationships. In M.W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 299-335). New York: Guilford.
- Gilbert, P. (2010) *Compassion focused therapy: The CBT distinctive features series*. London: Routledge.
- Gilbert, P. & Irons, C. (2009). Shame, self-criticism, and self-compassion in adolescents. In N. B. Allen & L. B. Sheeber (Eds.), *Adolescent*

- emotional development and the emergence of depressive disorders* (pp. 195-214). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gilbert, P., & McGuire, M. (1998). Shame, social roles and status: The psychobiological continuum from monkey to human. In P. Gilbert, & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology and culture* (pp. 99-125). New York: Oxford University Press.
- Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures I. The "Other as Shamer Scale". *Personality and Individual Differences, 17*, 713-717. doi:10.1016/0191-8869(94)90149-X.
- Grotpeter, J. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Development, 66*, 710-722. doi:10.1111/j.1467-8624.1995.tb00900.x.
- Hair, J. F. Jr., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analyses* (7th ed.). Upper Saddle River: PrenticeHall.
- Harper, F.W.K., Austin AG, Cercone J.L., Arias I. (2005). The role of shame, anger, and affect regulation in men's perpetration of psychological abuse in dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence, 20*, 1648-1662.
- Harper, F.W.K., & Arias I. (2001). The role of shame in predicting adult anger and depressive symptoms among victims of child psychological maltreatment. *Journal of Family Violence, 19*, 367-375.
- Hejdenberg, J. & Andrews, B. (2011). The relationship between shame and different types of anger: A theory-based investigation. *Personality and Individual Differences, 50*, 1278-1282.
- Hoyle, R. H., & Smith, G. H. (1994). Formulating clinical research hypotheses as structural equation models: A conceptual overview. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 62*, 429-440. doi:10.1037/0022-006X.62.3.429.
- Irons, C., & Gilbert, P. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: The role of attachment and social rank systems. *Journal of Adolescence, 28*, 325-341. doi:10.1016/j.adolescence.2004.07.004.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: Guilford.

- Lagerspetz, K. M. J., Björkqvist, K., & Peltonen, T. (1988). Is indirect aggression typical of females? Gender differences in aggressiveness in 11-12-year-old children. *Aggressive Behavior*, *14*, 403-414. doi:10.1002/1092337(1988)14:6<403::AIDAB2480140602>3.0.CO;2-D.
- Leary, M. R., Twenge, J. M., & Quinlivan, E. (2006). Interpersonal rejection as a determinant of anger and aggression. *Personality and Social Psychology Review*, *10*, 111-132.
- Lewis, H. (1971). *Shame and guilt in neurosis*. New York: International Universities Press.
- Lewis, M. (1992). *Shame: The exposed self*. New York: Free Press.
- Lewis, M. (1993). The development of anger and rage. In R. A. Glick & S. P. Roose (Eds.), *Rage, power, and aggression* (pp. 148-168). New Haven, CT: Yale University Press.
- Loeber, R., Pardini, D. A., Hipwell, A., Stouthamer-Loeber, M., Keenan, K., & Semboer, M. A. (2009). Are there stable factors in preadolescent girls' externalizing behaviors? *Journal of Abnormal Child Psychology*, *37*, 777-791.
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software e Aplicações*. ReportNumber Lda. Pero Pinheiro.
- Matos, M., Ferreira, C., Duarte, C., & Pinto-Gouveia, J. (2014). Eating disorders: When social rank perceptions are shaped by early shame experiences. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 1-16. doi:10.1111/papt.12027.
- Matos, M., & Pinto-Gouveia, J. (2009). Shame as a traumatic memory. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, *17*, 299-312. doi:10.1002/cpp.659.
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Gilbert, P. (2012). The Effect of Shame and Shame Memories on Paranoid Ideation and Social Anxiety. *Clinical Psychology and Psychotherapy*. doi: 10.1002/cpp.1766.
- Muthén, L. K. & Muthén, B. O. (1998-2010). *Mplus User's Guide* (6th ed.). Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Mills, R. (2005). Taking stock of the developmental literature on shame. *Developmental Review*, *25*, 26-63. doi:10.1016/j.dr.2004.08.001

- Nathanson, D.L. (1992). *Shame and pride: Affect, sex, and the birth of the self*. New York: Norton.
- Nathanson, D.L. (1996). *Knowing feeling, affect, script and psychotherapy*. New York: W. W. Norton & Company.
- Neto, A., & Vagos, P. (2014). Medidas de agressão e vitimização em adolescentes portugueses. Manuscrito não publicado, Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.
- Ostrov, J. M. (2008). Forms of aggression and peer victimization during early childhood: A short-term longitudinal study. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 311-322.
- Paquette, J. A., & Underwood, M. K. (1999). Gender differences in young adolescents' experiences of peer victimization: Social and physical aggression. *Merrill-Palmer Quarterly*, 45, 242-266. Retrieved from <http://search.proquest.com/socialsciences/docview/230125943/fulltextPDF/69A1D44B00F54FD1PQ/1?accountid=43959>
- Parker, J. G., Rubin, K. H., Price, J. M., & DeRosier, M. E. (1995). Peer relationships, child development, and adjustment: A developmental psychopathology perspective. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology* (Vol. II). New York: Wiley.
- Pinto-Gouveia, J., & Matos, M. (2011). Can shame Memories Become a Key to Identity? The Centrality of Shame Memories Predicts Psychopathology. *Applied Cognitive Psychology*, 25, 281-290. DOI:10.1002/acp.1689.
- Pinto-Gouveia, J., Matos, M., Castilho, P., & Xavier, A. (2012). Differences between depression and paranoia: The role of emotional memories, shame and subordination. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 21(1), 49-61. doi:10.1002/cpp.1818.
- Prinstein, M., Boergers, J., & Vernberg, E. M. (2001). Overt and relational aggression in adolescents: Social-psychological adjustment of aggressors and victims. *Journal of Clinical Child Psychology*, 30(4), 479-491. doi:10.1207/S15374424JCCP3004_05.
- Prinstein, M., & Cillessen, A. H. (2003). Forms and functions of adolescent peer aggression associated with high levels of peer status. *Merrill-Palmer Quarterly*, 49, 310-342. Retrieved from

<http://search.proquest.com/docview/230092994/fulltextPDF?accountid=43959>

- Rüsch, N., Lieb, K., Göttler, I., Hermann, C., Schramm, E., Richter, H., et al. (2007). Shame and implicit selfconcept in women with borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, *164*, 500-508
- Scheff, J. (1987). The shame-rage spiral: A case study of an interminable quarrel. In H. B. Lewis (Ed.). *The role of shame in symptom formation* (pp. 109-149). England: Lawrence Erlbaum Associates.
- Schreiber, J. B., Nora, A., Stage, F. K., Barlow, E. A., & King, J. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *Journal of Educational Research*, *99*, 323-337. doi:10.3200/JOER.99.6.323-338.
- Skarderud, F. (2007). Shame and pride in anorexia nervosa: A qualitative descriptive study. *European Eating Disorders Review*, *15*, 81-97.
- Troop, N.A., Allan, S., Serpell, L., & Treasure, J.L. (2008). Shame in women with a history of eating disorders. *European Eating Disorders Review*, *16*, 480-488.
- Storch, E. A., Bagner, D. M., Geffken, G. R., & Baumeister, A. L. (2004). Association between overt and relational aggression and psychosocial adjustment in undergraduate college students. *Violence and Victims*, *19*, 689-700.
- Tangney, J. P., & Dearing, R. (2002). *Shame and guilt*. New York: Guilford.
- Tangney, J. P., Stuewig, J., & Mashek, D. J. (2007). Moral emotions and moral behavior. *Annual Review of Psychology*, *58*, 345-372.
- Tangney, J., Wagner, P., Fletcher, C., & Gramzow, R. (1992). Shamed into anger? The relation of shame and guilt to anger and self-reported aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, *62*, 669-675
- Tangney, J., Wagner, P., & Gramzow (1992). Proneness to shame, proneness to guilt and psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, *101*, 469-478.
- Tangney, J., Wagner, P., Hill-Barlow, D., Marschall, D., & Gramzow, R. (1996). Relation of shame and guilt to constructive versus destructive responses to anger across the lifespan. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*, 767-809.

- Xie, H., Swift, D. J., Cairns, B. D., & Cairns, R. B. (2002). Aggressive behaviors in social interaction and developmental adaptation: A narrative analysis of interpersonal conflicts during early adolescence. *Social Development, 11*, 205-224. doi:10.1111/1467-9507.00195
- Zalecki, C. A., & Hinshaw, S. P. (2004). Overt and relational aggression in girls with attention deficit hyperactivity disorder. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 33*, 125-137.